

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Daniela Müller Brandão

Visibilidade: Um olhar para as mulheres multissexuais

Florianópolis

2022

Daniela Müller Brandão

Visibilidade: Um olhar para as mulheres multissexuais

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, professor Fernando Crocomo

Orientadora: Prof.^a Leslie Sedrez Shcaves, Dra.

Coorientadora: Prof^ª Fernanda Nascimento, Dra.

.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brandão , Daniela Müller

Visibilidade : : Um olhar sobre as mulheres
multissexuais / Daniela Müller Brandão ; orientadora,
Leslie Sedrez Chaves, 2022.

30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Bissexualidade. 3. Gênero . 4.
Multissexualidade . 5. Pansexualidade . I. Sedrez Chaves,
Leslie. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Daniela Müller Brandão

Visibilidade: Um olhar sobre as mulheres multissexuais

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharela em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 09 de março de 2022.

Prof. Samuel Pantoja Lima, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Leslie Sedrez Chaves, Dra.
Orientadora
Departamento de Jornalismo - UFSC

Prof^a Fernanda Nascimento, Dra.
Coorientadora
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - UFSC

Prof. Ildo Francisco Golfetto, Dr.
Avaliador
Departamento de Jornalismo – UFSC

Profª Jessica Gustafson Costa, Ma.
Avaliadora
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – UFSC

AGRADECIMENTOS

Sei que cheguei aqui graças à minha trajetória enquanto mulher bissexual. Desde os 14 anos, venho me questionando: o que será que eu sou? Quando vou me decidir? Afinal, do que eu gosto? E a resposta é simples e, ao mesmo tempo, tão complexa, que me motivou a pesquisar mais e mais sobre o assunto – até que isso se tornou a minha grande pauta. Minha trajetória individual, é claro, foi só uma pequena parte do enorme trajeto que percorri até aqui, e que só foi possível graças a pessoas incríveis que me apoiaram em todos os meus questionamentos, dúvidas, reflexões, anseios e felicidades em relação à vida e as minhas identidades. Pessoas que me mostraram – nesse caminho tão repleto de nuances que é o estudo do Jornalismo – que o que importa, de fato, são as vivências. Que compartilhar anseios, questionamentos, vivências, dúvidas... tudo isso era passível de ser pautado. Afinal de contas, por mais clichê que pareça, o que me motivou a continuar fazendo Jornalismo foram as pessoas – sempre as pessoas. Suas histórias, suas vivências, suas escutas, suas falas... tudo isso foi de extrema importância em todo o meu processo de graduação.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus professores, em especial à Professora Doutora Fernanda Nascimento, que me mostrou um universo de possibilidades e reflexões acerca de gênero, sexualidade e tantas outras identidades que compõem nossa sociedade tão diversa – e, infelizmente, desigual. Com ela, aprendi a importância de se questionar os padrões estabelecidos e a olhar com mais cautela para cada uma das vivências diferentes das minhas. Da mesma forma, tenho extrema gratidão pelos aprendizados adquiridos com a professora Leslie Chaves, que me ensinou sobre cultura e processos identitários, o que me fez enxergar a sociedade de forma ampla e rica em formas de produção de conhecimento. Agradeço imensamente também ao Professor Ildo Golfetto, que foi extremamente responsável pelo início da minha trajetória com o Design Gráfico aplicado ao Jornalismo e seguiu presente me ensinando a enxergar todas as formas de arte e como elas se relacionam com a Comunicação. Por esses professores tenho imensa admiração, respeito e orgulho de tê-los presentes em minha formação como Jornalista.

Quanto aos meus amigos e colegas do Jornalismo, não poderia deixar de agradecer por todas as experiências que me proporcionaram, por todo o acolhimento, afeto e aprendizados compartilhados durante quatro anos de curso. Minha trajetória não seria a mesma se não tivesse ao meu lado pessoas tão incríveis, diversas e com uma forma tão curiosa e questionadora de enxergar o mundo. Em especial, sou grata pela minha amiga Lunah Zunino, que esteve ao meu lado desde o primeiro dia nessa experiência tão nova, me ensinando a enxergar a vida de forma mais leve. Aos meus amigos Diogo Medeiros, Sofia Dietmann, Giuliana Arruda, Lívia Tokasiki e Yeda Teixeira, que ampliaram ainda mais meus horizontes e foram essenciais na minha rotina dentro do curso, sempre compartilhando vivências, conhecimentos e anseios. Com todos eles, aprendi a enxergar o mundo de forma muito mais plural, sempre com muita gentileza.

Agradeço também aos meus pais que me incentivaram desde os primeiros dias de curso e sempre foram apoio incondicional em todos os processos da minha formação e que, durante o período de pandemia, me deram a força necessária para continuar meus estudos em Jornalismo. A eles, sou extremamente grata, por me ensinarem a enxergar o mundo através do respeito, do diálogo e da empatia.

RESUMO

Este Relatório de Conclusão de Curso aborda a produção de uma revista sobre as vivências específicas de mulheres bissexuais e pansexuais. Analisando os dados e leituras disponíveis sobre essa parcela da comunidade LGBTQIAP+, percebe-se que pessoas que se relacionam com mais de um gênero são alvos de violências específicas, que têm a ver com a deslegitimação dessas identidades e com a propagação de estereótipos violentos, que associam a multissexualidade com “incerteza”, “instabilidade”, “infidelidade” e outros inúmeros estigmas que nada têm a ver com essas orientações sexuais. Com isso, o trabalho busca entender, através das vivências compartilhadas pelas cinco mulheres entrevistadas, como são as experiências de mulheres bissexuais e como elas se articulam com outras questões identitárias.

Palavras-chave: Bissexualidade 1. Pansexualidade 2. Multissexualidade 3. Gênero 4. Identidade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	JUSTIFICATIVA.....	12
3	DESCRIÇÃO DO TEMA E DO FORMATO.....	14
4	PROCESSOS DA PRODUÇÃO.....	17
4.1	PRÉ-APURAÇÃO.....	17
4.2	APURAÇÃO.....	18
4.3	FONTES.....	18
4.4	REDAÇÃO.....	19
4.5	DIAGRAMAÇÃO.....	20
4.6	ILUSTRAÇÕES.....	20
5	DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	21
6	REFERÊNCIAS.....	23
	ANEXO A Declaração de Autoria e Originalidade.....	24

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma característica que perpassa as vivências individuais e subjetivas, mas que também pode ser considerada um marcador identitário, assim como outros componentes como raça, classe e gênero. As práticas sexuais passaram pelas mais diversas fases regulatórias, desde o Cristianismo que, no século XIX, considerava pessoas que se relacionavam com o mesmo gênero como “sodomitas” (de potencial natureza pecadora), até a posterior análise por parte da Psicologia, que considerava as práticas sexuais dissidentes da “norma” heterossexual como patologias. Na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde - OMS retirou a homossexualidade da lista de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, no entanto, pessoas da comunidade LGBTQIAP+ ainda são alvos das mais diversas formas de preconceito na sociedade.

Ao tratar de sexualidades dissidentes, considera-se a existência de indivíduos heterossexuais – entendidos socialmente como “normais” – e indivíduos homossexuais – delegados à categoria de “anormais”. Essa lógica se manifesta nas mais diversas opressões vivenciadas pela comunidade LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero e Pansexuais) como um todo, que ainda é alvo dos mais diversos ataques. Dentre as mais diversas violências às quais estão sujeitas as pessoas pertencentes à Comunidade LGBTQIAP+, este trabalho buscou focar nas vivências específicas de pessoas bissexuais e pansexuais (ou multissexuais, termo que se refere a pessoas que se relacionam com mais de um gênero). Estas pessoas, como citam as autoras Ana Madureira e Ângela Branco em “Práticas Sexuais Não-Hegemônicas”, são sujeitadas a um tipo distinto de opressão, que vai além do fato de que se diferem da “norma” heterossexual.

É interessante notar que as pessoas, guiadas pelo senso comum, acreditam existir uma divisão muito nítida e simples entre as identidades sexuais. Nesse sentido, haveria os “normais” (heterossexuais) e os “anormais” (os homossexuais e os bissexuais) (Weeks, 1999). Mais do que isso, as identidades sexuais seriam o cerne das mais profundas verdades sobre o indivíduo. Através da explicitação da identidade sexual individual seria possível prever, um dos grandes ideais da ciência moderna, as suas qualidades morais, bem como se seria possível (ou não) a sua felicidade. Portanto não é de se estranhar a crença difundida na atualidade de que uma pessoa homossexual é imoral, promíscua e destinada à infelicidade (BRANCO, MADUREIRA, 2007, p. 3).

Considerando esse pensamento monossexista (ou seja, que define que o “natural” é se relacionar com apenas um gênero e que pessoas que não se encaixam nessa definição estão “indecisas”), percebe-se a importância de discutir essas identidades e mostrar como essas

experiências se correlacionam, mostrando uma invisibilidade sistêmica das multissexualidades. Esse apagamento vivenciado por essas identidades aliado aos diversos estereótipos associados a pessoas que se relacionam com mais de um gênero ocasiona uma série de violências específicas, as quais chama-se de bifobia (aqui, considera-se bifobia e panfobia como correlatos, apesar de haver entendimento de que cada identidade pode sofrer violências distintas).

A bifobia pode se manifestar de diversas formas, sendo uma das mais recorrentes o próprio apagamento dessas identidades (considera-se que pessoas multissexuais estão “indecisas”, “passando por uma fase”), o que faz com que não sejam respeitadas como identidades legítimas. Além disso, a reprodução de estereótipos negativos também afeta as pessoas multissexuais (como a ideia de que são “infiéis” ou “possíveis transmissoras de IST’s”, por exemplo). Todos esses estigmas podem ser analisados de forma a olhar especificamente para a bissexualidade, cujas opressões específicas não são, por vezes, reconhecidas na sociedade monossexista.

Se o enquadramento das experiências e vidas das pessoas bi é realizado a partir de uma lente monossexual, o sofrimento dessas pessoas não chega a ser reconhecido. Isto é, a bifobia não é reconhecida. Para assegurar o não reconhecimento e a deslegitimação dessa expressão da sexualidade, é preciso que se fale dela sempre ou quase sempre desde um olhar de chacota e de menosprezo. Conforme discutido, para algumas pessoas monossexuais, a única violência que bissexuais podem eventualmente sofrer é aquela que se poderia chamar lesbofobia ou homofobia, ou seja, violências que incidem sobre pessoas monossexuais, apagando assim a existência bissexual através do não reconhecimento da especificidade da violência sofrida (JAEGER, LONGHINI, OLIVEIRA, TONELI, 2019, p. 9).

Além disso, é essencial olhar para essas vivências de forma interseccional, considerando que há outros marcadores sociais que servem como potencializadores dessas opressões, como gênero, identidade de gênero e raça. Ao olhar para a bifobia, deve-se atentar aos outros marcadores identitários que acompanham essa forma de opressão. Mulheres bissexuais sofrem opressões diferentes de homens bissexuais, mulheres negras sofrem opressões distintas de mulheres brancas. Assim como mulheres trans sofrem outras, de outro cunho, diferente das mulheres cis. É a partir desse olhar interseccional que o trabalho se propõe a discutir a bissexualidade e a pansexualidade feminina.

2 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o contexto citado na seção introdutória, é possível compreender que não existe uma experiência universal quando se fala em pessoas da Comunidade LGBTQIAP+. É essencial aprofundar os estudos sobre cada letra da sigla, a fim de perceber quais são suas demandas, reivindicações e vivências específicas – que muitas vezes são silenciadas em uma sociedade heterossexista. No entanto, busquei ouvir relatos específicos de mulheres que se relacionam com mais de um gênero, as quais estão sujeitas a uma lógica heterossexista e também à lógica monossexista.

A escolha da pauta se deu também a partir de uma vivência pessoal – por me identificar enquanto mulher bissexual e após me aprofundar nos estudos de gênero e sexualidade, passei a buscar mais a fundo ouvir os relatos de outras pessoas – principalmente mulheres – bissexuais e pansexuais que faziam parte do meu ciclo. Em conversas casuais nas quais a temática da bissexualidade ou pansexualidade eram abordadas, percebia que diversas pessoas relatavam situações similares, de apagamento, uma sensação compartilhada de “não-lugar”. Além disso, muitas diziam, por exemplo, não se sentirem “bissexuais o suficiente”, por nunca terem tido relações sexuais e/ou românticas com mais de um gênero – o que, comparado à minha experiência individual, me fez questionar mais a fundo sobre a bissexualidade e a pansexualidade para entender: o que, afinal de contas, é necessário para que uma pessoa se considere multissexual? Por que as pessoas ao meu redor (incluindo eu mesma), sentiam-se tão inseguras em se dizer multissexuais, ao mesmo tempo que sentiam que não eram monossexuais? Como não se restringir a uma concepção engessada sobre relações românticas e sexuais?

Afirmar uma identidade bissexual é questionar uma polaridade da orientação sexual, que insiste em hierarquizar os indivíduos por suas práticas, desejos e identidades sexual e de gênero. A possibilidade de se relacionar com ambos os sexos não faz da bissexualidade uma prática menos legítima. Ao contrário, demonstra o quanto nossas vivências e experiências são diversas e plurais (CAVALCANTI, 2010 p. 4).

Partindo do pressuposto de que essas identidades, por si só, fogem da categoria binária homo/heterossexual, essa dificuldade encontrada por pessoas multissexuais em se assumirem ou se dizerem pertencentes à Comunidade LGBTQIAP+, é fruto de um apagamento e um controle sobre essas sexualidades que acontece tanto por parte da sociedade como um todo, como até mesmo dentro do movimento.

Apesar de serem teoricamente incluídas pela letra “B” na sigla LGBT, as performances identitárias bissexuais frequentemente são pouco aceitas pelos movimentos LGBT, vistas como “pouco sérias” e discriminadas por não se enquadrarem nas categorias binárias heterossexual/homossexual. Há igualmente um frequente policiamento das performances identitárias dos/as participantes dos movimentos LGBT que se identificam como gays e lésbicas, para que evitem expressões de desejo que supostamente “ameaçam” seu pertencimento à categoria homossexual, reforçando o binário heterossexual/homossexual (LEWIS, 2012, p. 1).

Essa recorrência na categorização das identidades sexuais como hetero/homossexual propaga o apagamento das identidades monodissidentes e faz com que pessoas bissexuais e pansexuais permaneçam nesse não-lugar. É essencial, portanto, entender: 1) quais lugares ocupam as pessoas que não têm um lugar, 2) por que essas identidades não são consideradas como legítimas, 3) quais as vivências específicas dessa parcela da comunidade LGBTQIAP+ 4), como a multissexualidade se constitui como posição política e identitária, assim como as outras identidades da sigla.

3 DESCRIÇÃO DO TEMA E DO FORMATO

Para refletir sobre as vivências específicas de mulheres bissexuais e pansexuais, busquei entrevistar mulheres de diferentes perfis, a fim de entender como cada uma delas se relaciona com a própria identidade, atravessada também por questões raciais e de identidade de gênero. Com o período da pandemia, grande parte da busca por fontes foi feita online, através da plataforma Instagram, em Coletivos Bissexuais online. A proposta era conversar com até cinco mulheres – de diferentes recortes e localizações geográficas – a fim de estabelecer um diálogo aberto, um relato sobre a própria identidade.

A partir das cinco entrevistas – feitas todas online - foram suscitadas diversas questões que se relacionavam entre si, mesmo que a maioria das entrevistadas não se conhecessem. Diante disso, percebi alguns padrões temáticos, que nada mais eram do que vivências e questões em comum que perpassam a vida dessas mulheres enquanto multissexuais. Pensando nessa estrutura de similaridade, optei por dividir o produto em temas, trazendo os relatos de forma articulada entre si e identificando similaridades e diferenças com base nas características de cada uma delas.

Apesar do grande volume de informações – que, sem dúvida alguma, renderiam edições posteriores e diferentes aprofundamentos sobre a pauta – escolhi o formato de revista, como uma forma de introduzir as principais questões que os relatos trouxeram e apresentar a pauta tanto para quem já possui repertório quanto para quem, por quaisquer motivos, possua interesse em conhecer sobre essas identidades. A estrutura da revista foi dividida nas seguintes seções:

1) “O Universo da Multissexualidade?”: Na primeira seção, apresentei conceitos gerais acerca da bissexualidade, como uma forma de situar o leitor e contextualizá-lo sobre o que virá nas seções seguintes. Nela, são apresentadas informações sobre a sexualidade, conceitos como multissexualidade (já que nem todas as entrevistadas se identificam como bissexuais) e uma introdução ao conceito de bifobia.

2) “É Como Se Eu Não Tivesse um Lugar”: Na segunda seção, são aprofundados os relatos das mulheres entrevistadas em relação ao apagamento da multissexualidade – tanto fora como dentro da comunidade LGBTQIAP+. A ideia de “não-lugar” foi citada como um dos fatores que andaram lado a lado com o processo dessas mulheres de afirmação da própria identidade. O “lugar” invisível destinado às pessoas multissexuais na sociedade faz com essas identidades

não sejam consideradas válidas ou estáveis, o que interfere tanto em processos de autoidentificação como no senso de pertencimento ao coletivo.

3) “Estereótipos Não Me Definem”: Na terceira seção, foram expostos alguns estigmas que cercam a multissexualidade, como a falsa ideia de que pessoas bissexuais e pansexuais são “indecisas”, “promíscuas”, “infiéis” etc. Com isso, busquei articular informações teóricas com os relatos das entrevistadas, suscitando a discussão sobre os estigmas propagados em relação a pessoas multissexuais e como eles contribuem para a propagação de comportamentos bifóbicos.

4) “Saúde mental”: A quarta seção tem o propósito de discutir como as violências que afetam as mulheres multissexuais possuem impactos psicológicos. Um estudo feito por pesquisadores da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres entrevistou mais de 5.700 mulheres lésbicas e bissexuais e os resultados mostraram que as respondentes bissexuais eram 26% mais propensas a terem sofrido com depressão e 20% de ansiedade, quando comparadas às mulheres lésbicas. A partir desses índices, esse trecho busca trazer à tona a questão da saúde mental específica de mulheres multissexuais, a fim de chamar a atenção para as estatísticas e também para a falta de dados oficiais.

5) “Sexualidade é Política”: Na última seção, busquei abordar a multissexualidade como um marcador identitário, mostrando como as mulheres entrevistadas enxergam em suas sexualidades um posicionamento político. Para além de discutir a invisibilidade da pauta, o propósito foi de mostrar também que existem espaços de articulação específicos dessa parcela da comunidade LGBTQIAP+, que buscam transformar essa realidade.

O formato foi escolhido devido a minha proximidade com a área de diagramação – pela qual desenvolvi grande interesse desde a disciplina de Produção Gráfica, ministrada pelo Professor Ildo Francisco Golfetto. Durante o período de pandemia, aprofundei-me também nos estudos de Ilustração Digital, dando continuidade a um processo também iniciado durante o período presencial no qual cursei Jornalismo. Unindo isso ao interesse pelas pautas de gênero e sexualidade, pensei na elaboração de uma revista como uma possibilidade de aprofundar meus estudos na área de Jornalismo que utiliza recursos gráficos como apoio ao conteúdo produzido.

Além disso, a decisão pelo trabalho em formato de revista possibilitaria que o material fosse produzido de forma inteiramente remota, considerando a pandemia da COVID-19. Com

isso, teria a possibilidade de explorar todos os processos, desde a apuração e a realização de entrevistas em plataformas online, até a organização do material, de forma que mantivesse os pontos principais das entrevistas e agregasse os recursos gráficos que julguei possíveis de serem produzidos.

O título da revista (**Visibilidade**) faz referência à identidade bissexual – através do prefixo ‘bi’ – bem como traz um conceito citado diversas vezes tanto pelas entrevistadas quanto pelas referências de leitura deste trabalho: a falta de visibilidade das pessoas bissexuais. A escolha por trazer o título de forma positiva (“visibilidade” e não “invisibilidade”) foi também consciente, uma vez que o trabalho teve como meta chamar a atenção para essa parcela da população e discutir as pautas e demandas específicas das pessoas multissexuais. Durante a produção das matérias, questioneei o destaque dado no título para o termo ‘bi’, uma vez que algumas das entrevistadas se identificam como pansexuais. Apesar disso, ao longo das entrevistas, foi possível perceber que as mulheres que relataram suas histórias se relacionavam de formas muito similares com a própria sexualidade, compreendendo que a maior diferença entre a bissexualidade e a pansexualidade é o contexto histórico de cada termo aliado a uma escolha consciente de como cada uma prefere se posicionar. Por isso, o nome foi mantido com o prefixo inicial, mas o subtítulo sugere o que o conteúdo irá abordar: a multissexualidade como um todo.

4 PROCESSOS DA PRODUÇÃO

4.1 PRÉ-APURAÇÃO

Quando iniciei a disciplina de Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso, ainda não possuía uma ideia concreta de pauta – apesar de saber que gostaria de abordar algo que se relacionasse com os recortes de gênero e sexualidade. Com o agravamento da pandemia de COVID-19 e o consequente afastamento de todas as atividades presenciais no início de 2020 eu, assim como todos os outros estudantes, percebi que deveria fazer algo que fosse viável dentro dos moldes do ensino remoto, mas que também desse continuidade ao meu interesse e dedicação à área de estudos de Jornalismo e Gênero – título que dá nome a uma disciplina do Curso, a qual já havia cursado com a professora coorientadora Fernanda Nascimento.

Durante o período de pesquisa e pré-apuração do que viria a ser a pauta do Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvi um interesse crescente pela temática da bissexualidade (até então, não considerava a diferença entre bissexualidade e pansexualidade) – o que ocorreu, também, por conta de um momento de autorreflexão sobre minhas próprias identidades. A partir da afinidade pela temática e da leitura de artigos sobre o tema, percebi um embasamento teórico no que, até então, vinha de vivências individuais ou compartilhadas por terceiros – fossem eles amigos presentes no cotidiano ou pessoas que se dispunham a conversar sobre bissexualidade via redes sociais. A partir dessas vivências e da argumentação teórica que explicava o porquê de a bissexualidade ser, ainda, tão invisível, elaborei o que viria a ser o Projeto de Pesquisa, realizado entre o período de março a julho de 2020. A princípio, a temática se era focada no conceito da “Heterossexualidade Compulsória”, citado pela autora Adrienne Rich em 2010 – que, em síntese, nomeava a falsa ideia existente de que as mulheres são “naturalmente heterossexuais” e, portanto, seria nessa possibilidade que as pessoas baseariam suas expectativas quanto às suas sexualidades. Conforme a pesquisa se aprofundou, a partir do segundo semestre de 2020, busquei dar maior ênfase às experiências multissexuais como um todo, focando menos na parte estrutural da heterossexualidade compulsória e mais na parte prática – que seriam as próprias experiências das mulheres entrevistadas. A ideia, então, foi de iniciar uma apuração que fosse pouco direcionada para fatores como localização geográfica, faixa etária, etc, e mais voltada para disponibilidade de cada entrevistada de abrir suas experiências – vale ressaltar que nesse processo alguns fatores como raça e identidade de gênero foram levados em consideração, a fim de trazer relatos que (guardadas as devidas

proporções), trouxessem vivências variadas, que se articulassem com outros marcadores identitários.

A partir desses recortes, foi iniciada a busca pelas fontes, que foi feita principalmente através da plataforma Instagram – tanto através de pesquisas em Coletivos Bissexuais Online quanto através de postagens feitas em meu perfil pessoal em busca de mulheres que tivessem interesse em compartilhar seus relatos.

4.2 APURAÇÃO

A apuração do trabalho iniciou em meados de julho de 2020 quando, já feitas leituras de artigos como “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”, “Eu Quero Meu Direito Como Bissexual”, “O Cielo Paradoxal de Apagamento e Super-sexualização da Bissexualidade nos Movimentos LGBT: Resistências em Narrativas Bissexuais”, bem como outros materiais que falavam sobre a bissexualidade, foram iniciados os primeiros contatos com as cinco fontes testemunhais.

Por conta dos obstáculos impostos pela pandemia de COVID-19, todas as entrevistas foram realizadas online, através da plataforma Google Meet. Optei pela realização das entrevistas através de chamada de vídeo, de forma que pudesse trazer um contato maior com as mulheres entrevistadas. Após autorização das mesmas, as entrevistas foram gravadas para possibilitar a transcrição do material em áudio posteriormente.

4.3 FONTES

Como mencionado nas seções anteriores, no início do projeto, a pauta era voltada para a bissexualidade – sem levar em conta outras nomenclaturas. A partir das mensagens enviadas para as fontes testemunhais, que buscaram deixá-las a par do intuito do trabalho, foram agendadas as entrevistas, visto que todas concordaram em participar. Durante as conversas realizadas, algumas das mulheres se identificaram como pansexuais e outras como bissexuais – o que, em nenhum momento, foi colocado como empecilho para a abordagem do trabalho que vinha sendo feita. A partir desses relatos e a partir da própria autoidentificação das entrevistadas – enviada via Instagram após solicitação – cabe traçar um mini perfil de cada uma das mulheres que fez parte da construção dessas reportagens. Não foi necessária a utilização de nomes falsos, uma vez que todas as mulheres concordaram em aparecer com seus nomes reais e declararam consentimento em relação às informações sobre elas compartilhadas.

Alyne Ewelyn: Alyne é uma mulher cis, negra e bissexual, especialista em Literatura Africana de Língua Portuguesa e cofundadora do coletivo Bisibilidade. Alyne trouxe nas entrevistas o relato sobre a sensação de não-pertencimento imposta tanto pela bissexualidade quanto pelo fato de ser negra de pele clara. Além disso, sua experiência com a bissexualidade passou e passa por um processo político de autoidentificação – sempre se encontrou na militância, mas não encontrava tanto espaço especificamente para a bissexualidade. Atualmente, é integrante da Frente Bissexual Brasileira.

Julia Dalcoquio: Julia é travesti, pansexual e estudante de Comunicação Social. Em seu relato, desconstrói a falsa relação entre identidade de gênero e orientação sexual - uma vez que o fato de uma pessoa ser trans nada tem a ver com sua orientação sexual. Ela também traz ao depoimento sua forma de enxergar o mundo, e como sua relação com as pessoas vai muito além do gênero com o qual elas se identificam.

Paula Raisa: Paula é uma mulher cis, branca e bissexual. Trabalha como cabeleireira e criadora de conteúdo em um canal do YouTube sobre bissexualidade chamado “Não É Só Uma Fase”. É mãe do Benjamin há pouco mais de um ano, e relata sua experiência com a identidade bissexual antes e depois da maternidade.

Vitória Régia: Vitória é uma mulher cis, negra e bissexual. Atua como Jornalista e, assim como Alyne, é cofundadora do Coletivo Bisibilidade e integrante da Frente Bissexual Brasileira. Ela conta sobre a experiência de se reconhecer enquanto mulher bissexual e negra de pele clara, e como isso interfere em sua forma de se posicionar no mundo.

Larissa Batista: Larissa é uma mulher cis, branca e pansexual. Formada em Psicologia, atua principalmente em atendimentos voltados para pessoas integrantes da Comunidade LGBTQIAP+. A partir de seu depoimento, trouxe uma perspectiva pessoal sobre a própria identidade, bem como algumas informações relacionadas a patologização de pessoas multisssexuais, as experiências que presenciar em seu consultório e outras questões relativas à saúde mental da população LGBTQIAP+.

4.4 REDAÇÃO

A estruturação do conteúdo escrito da reportagem se deu em diversas etapas, através da releitura dos relatos transcritos. O intuito inicial era fazer textos em formato perfil, os quais apresentariam cada uma das entrevistadas e trariam seus relatos e trajetória através da

multissexualidade de forma cronológica, organizada na forma de pequenas histórias. No entanto, a partir da reavaliação dos relatos e da leitura constante de cada um deles, percebi que havia diversos pontos em comum que poderiam ser articulados, de forma que organizar esses conteúdos em tópicos – ou seções – funcionaria melhor para o formato proposto.

Portanto, dividi os textos nos seguintes tópicos: (1) contextualização e introdução à multissexualidade; explicação do conceito de bifobia e distinção/associação entre bissexualidade e pansexualidade; (2) o apagamento das mulheres multissexuais, dentro e fora da comunidade LGBTQIAP+; (3) exemplificação de estereótipos aos quais pessoas multissexuais estão submetidas e formas de romper com essa lógica; (4) os impactos do apagamento e dos estigmas associados a pessoas multissexuais na saúde mental de mulheres bi; (5) a multissexualidade como fator identitário de mobilização política. Tendo o conteúdo em mãos, optei por mesclar uma linguagem didática com apresentação de dados teóricos costurados às citações das entrevistadas - para as quais escolhi manter a transcrição com base na oralidade de cada uma.

4.5 DIAGRAMAÇÃO

A diagramação dos conteúdos foi feita por mim através do software InDesign, do pacote Adobe. O objetivo foi de estruturar os textos de uma forma fluida e concisa, que se articulasse com outros recursos gráficos e tornasse mais fácil a visualização das falas principais das entrevistadas. Optei por realizar uma diagramação simplificada e “limpa”, prezando pelos espaços em branco para trazer mais respiro à leitura.

4.6 ILUSTRAÇÕES

As ilustrações foram feitas por mim, de forma independente, e a pesquisa de referências foi feita na plataforma Pinterest. Optei por criar um conceito mais abstrato, que me permitisse trabalhar a representação dos temas de forma mais livre e exploratória. O conceito do “universo” veio, em partes, através de alguns dos relatos, nos quais as entrevistadas definiram, por exemplo, que “cada pessoa é um universo”, ou que “a multissexualidade não é uma linha reta, mas um globo colorido que gira e não tem uma única direção correta”. Acredito, também, que a multissexualidade muito tem a ver com a ideia de explorar novos universos e possibilidades de relação com os conceitos de gênero.

5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Compreendo que a maior dificuldade encontrada por mim, em relação ao contexto da pandemia, foi de me adaptar aos moldes do ensino remoto. Lidar com relatos extremamente pessoais e que exigem cautela na abordagem se torna um desafio sem ter pessoalmente a orientação e o diálogo constante com alguns dos professores e colegas de curso que costumavam suscitar essas temáticas com considerável frequência. Além disso, o processo de apuração também foi desafiador, uma vez que o contato com as mulheres entrevistadas foi feito de forma remota, sofrendo dificuldades técnicas e diminuindo o contato direto com as fontes, das quais não se pôde perceber tantas nuances como seria possível em uma conversa presencial. Apesar das dificuldades, a orientação das professoras Leslie Chaves e Fernanda Nascimento ao longo do processo ajudaram a superar os empecilhos impostos e me possibilitaram visualizar outras possibilidades que se encaixassem nos moldes possíveis de produção.

Em relação à pauta escolhida, considero ter sido também um desafio significativo. O fato de ter um contato tão próximo com o tema fez com que me questionasse diversas vezes sobre os limites da abordagem jornalística, bem como me lembrou os aprendizados adquiridos no curso, que mostram o quanto a subjetividade é inerente às produções jornalísticas, independente do quanto se busque a imparcialidade. Enquanto alguns relatos se relacionavam diretamente com minhas próprias vivências, outros tantos explicitaram uma parte da bissexualidade que foge dos meus conhecimentos práticos. O processo de construção identitária de mulheres negras como Alyne e Vitória ou do reconhecimento de Julia como travesti, mostram que a multissexualidade é atravessada por diversos outros marcadores que se descolam da minha própria realidade, tornando a abordagem desafiadora e extremamente necessária.

Ao escutar novamente cada uma das entrevistadas, deparei-me com sensações que me tocaram nos mais diversos aspectos. A constante sensação de invisibilidade sentida pelas entrevistadas, as violências relatadas e a potência política de cada uma delas, me mostraram a responsabilidade e a importância de se fazer jornalismo. Por mais que, diversas vezes, tenha me questionado ao longo do curso se as pautas que me interessavam eram “jornalísticas o suficiente”, quando me deparo com vivências, histórias e relatos tão sinceros como os das mulheres entrevistadas, percebo que o jornalismo está, também, no que é invisível. Nesse processo, percebi que não existe uma única forma de fazer jornalismo ou uma pauta mais ou

menos importante. O jornalismo é justamente para ouvir histórias pouco contadas, entender como vivências tão singulares se relacionam com processos sistêmicos e coletivos.

Por fim, foi de grande aprendizado escutar relatos tão íntimos, que me permitiram repensar o fazer jornalístico, aplicar os conceitos apreendidos na disciplina de Jornalismo e Gênero, bem como questionar minha própria existência enquanto mulher bissexual. Considero que foi uma troca, uma sensação de acolhimento mútua por parte de mulheres que se identificam com tantas questões, mas também compreendem que não há uma única experiência com a bissexualidade, uma vez que outras identidades perpassam essas vivências e cada uma das pessoas vivencia de forma única a própria sexualidade.

6 REFERÊNCIAS

MADUREIRA, A; BRANCO, A. **Identidades Sexuais Não-hegemônicas: Processos Identitários e Estratégias para Lidar com o Preconceito.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 23, n. 1, p. 81-90, jan./mar. 2007. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6047/1/ARTIGO IdentidadesSexuaisNaoHegemo.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6047/1/ARTIGO%20IdentidadesSexuaisNaoHegemo.pdf). Acesso:10 jun. 2020.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

LEWIS, E. **“Eu quero meu direito como Bissexual”:** A marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar sua aceitação. [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS ELIZABETH SARA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LEWIS%20ELIZABETH%20SARA.pdf). Acesso: 20 ago. 2020.

LEWIS, Elizabeth Sara. **O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais.** Anais Enlaçando Sexualidades. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31496>>. Acesso: 20 ago. 2020.